

## FÉ E PODER: A PRESENÇA NEERLANDESA E A CONSTRUÇÃO DO MARTÍRIO EM CUNHAÚ E URUAÇU

### FAITH AND POWER: THE DUTCH PRESENCE AND THE CONSTRUCTION OF MARTYRDOM IN CUNHAÚ AND URUAÇU

### FE Y PODER: LA PRESENCIA HOLANDESA Y LA CONSTRUCCIÓN DEL MARTIRIO EN CUNHAÚ Y URUAÇU

João Batista Sabino Neto<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo analisa a construção da identidade católica potiguar em torno dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, local dos massacres de 1645 perpetrados por neerlandeses e indígenas Potiguar/Janduí em São Gonçalo do Amarante/RN. O objetivo principal é examinar como a historiografia tradicional do Rio Grande do Norte e a Igreja Católica moldaram essa memória coletiva, sacralizando o espaço local por meio de narrativas que simplificam a ocupação holandesa. Foca na imagem do "invasor sanguinário", disseminada desde o século XIX por Visconde de Porto Seguro e, no XX, por Luís da Câmara Cascudo e Rocha Pombo, alinhada ao nacionalismo luso-brasileiro e ao processo de neocristandade impulsionado por monsenhores Paulo Herôncio e Francisco de Assis Pereira. A problemática central reside na redução da atuação da WIC (1621-1654) — motivada por disputas comerciais atlânticas e a Guerra dos Oitenta Anos — a um antagonismo simplista contra a "civilização portuguesa", ignorando complexidades políticas, econômicas e religiosas. Mediante análise historiográfica crítica de fontes primárias (WIC e eclesiásticas) e secundárias, o estudo revela como essa visão consolidou a devoção atual e propõe uma releitura nuançada cuja problematização visa o enriquecimento do debate acerca da identidade católica potiguar e novas perspectivas em relação a presença neerlandesa no Rio Grande (do Norte).

**Palavras-chave:** Mártires de Cunhaú e Uruaçu; historiografia potiguar; identidade católica; sacralização espacial.

#### ABSTRACT

This article analyzes the construction of Potiguar Catholic identity around the Martyrs of Cunhaú and Uruaçu, the site of the 1645 massacres perpetrated by the Dutch and Potiguar/Janduí indigenous peoples in São Gonçalo do Amarante, Rio Grande do Norte. The main objective is to examine how the traditional historiography of Rio Grande do Norte and the Catholic Church shaped this collective memory, sacralizing the local space through narratives that simplify the Dutch occupation. It focuses on the image of the "bloodthirsty invader," disseminated since the 19th century by Visconde de Porto Seguro and, in the 20th century, by Luís da Câmara Cascudo and Rocha Pombo, aligned with Luso-Brazilian nationalism and the process of neo-Christianity promoted by Monsignors Paulo Herôncio and Francisco de Assis Pereira. The central problem lies in reducing the role of the WIC (1621-1654) — motivated by

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7479-4010>

Atlantic trade disputes and the Eighty Years' War — to a simplistic antagonism against “Portuguese civilization,” ignoring political, economic, and religious complexities. Through critical historiographical analysis of primary (WIC and ecclesiastical) and secondary sources, the study reveals how this view consolidated current devotion and proposes a nuanced reinterpretation whose problematization aims to enrich the debate about Potiguar Catholic identity and new perspectives on the Dutch presence in Rio Grande (do Norte).

**Keywords:** Martyrs of Cunhaú and Uruaçu; potiguar historiography; catholic identity; sacralization of space.

## RESUMEN

Este artículo analiza la construcción de la identidad católica potiguar en torno a los mártires de Cunhaú y Uruaçu, lugar donde se perpetraron las masacres de 1645 a manos de los holandeses y los indígenas potiguar/janduí en São Gonçalo do Amarante/RN. El objetivo principal es examinar cómo la historiografía tradicional de Rio Grande do Norte y la Iglesia católica moldearon esta memoria colectiva, sacralizando el espacio local mediante narrativas que simplifican la ocupación holandesa. Se centra en la imagen del «invasor sanguinario», difundida desde el siglo XIX por el vizconde de Porto Seguro y, en el siglo XX, por Luís da Câmara Cascudo y Rocha Pombo, en consonancia con el nacionalismo luso-brasileño y el proceso de neocristiandad impulsado por los monseñores Paulo Herôncio y Francisco de Assis Pereira. La problemática central reside en la reducción de la actuación de la WIC (1621-1654) —motivada por disputas comerciales atlánticas y la Guerra de los Ochenta Años— a un antagonismo simplista contra la «civilización portuguesa», ignorando las complejidades políticas, económicas y religiosas. Mediante un análisis historiográfico crítico de fuentes primarias (WIC y eclesiásticas) y secundarias, el estudio revela cómo esta visión consolidó la devoción actual y propone una relectura matizada cuya problematización tiene como objetivo enriquecer el debate sobre la identidad católica potiguar y ofrecer nuevas perspectivas en relación con la presencia neerlandesa en Río Grande (do Norte).

**Palabras clave:** Mártires de Cunhaú y Uruaçu; historiografía potiguar; identidad católica; sacralización espacial.

## 1. INTRODUÇÃO

Todos os anos, no mês de outubro, milhares de devotos católicos visitam a capela e o monumento dedicados aos Mártires, na comunidade de Uruaçu, em São Gonçalo do Amarante/RN, a 18 Km da capital Natal, a fim de participar das festividades que envolvem os Santos Mártires de Cunhaú e Uruaçu; símbolos de fé heroica e exemplos para os cristãos católicos da Igreja Militante, mas sobretudo para a comunidade religiosa e leiga do Estado do Rio Grande do Norte, onde ocorreram as ações que culminaram nas mortes desses religiosos e leigos por parte de neerlandeses<sup>2</sup> e Indígenas de etnias Potiguara e Janduís<sup>3</sup>.

Durante todo o século XX, a narrativa acerca da ação dos neerlandeses no Rio Grande do Norte foi alvo de contravenção por parte dos representantes da historiografia que se preocupavam com a narrativa colonizadora portuguesa e na

---

<sup>2</sup> Optamos por utilizar “neerlandeses” para se referir ao que comumente se conhece por “Holandeses”, devido a esse termo ser melhor adequado para as Províncias Unidas dos Países Baixos, conforme evidencia Evaldo Cabral de Mello. MELLO, Evaldo Cabral de. **O Brasil holandês (1630-1654)**. São Paulo: Penguin Classics, 2010. p. 27.

<sup>3</sup> Genericamente chamado assim pelos povos tupi do litoral para denominarem os povos *gentio brabo* do interior, os portugueses também utilizavam essa nomenclatura.

herança familiar dos Albuquerque Maranhão, cuja ação simbólica aliava-se à consolidação de uma unidade nacional católica. Nesse sentido, a figura do batavo<sup>4</sup> como um invasor sanguíneo nos trópicos ganha força já no século XIX com a obra de Visconde de Porto Seguro: “*História das Lutas com os Holandeses no Brasil, desde 1624 a 1654*” cujo título denuncia sua consciência nacional de herança luso-brasileira, além da sua escrita fervorosamente aviltada contra os neerlandeses.

No Rio Grande do Norte, coube aos intelectuais, nas figuras proeminentes de Luís da Câmara Cascudo e Rocha Pombo, propagar essa visão. Atrelado a esse movimento, o Brasil, durante esse período, passava por um processo de Neocrisandade<sup>5</sup> levado a cabo por agentes da Igreja, no caso do Rio Grande do Norte pelo Monsenhor Paulo Herôncio (1901-1963), principal fonte de causa para beatificação e canonização dos mártires de Cunhaú e Uruaçu<sup>6</sup>, juntamente com o monsenhor Francisco de Assis Pereira<sup>7</sup> (1935-2011), postulador de variadas causas de beatificação e canonização no Brasil.

A presença neerlandesa no nordeste do Brasil remonta a uma série de contendas envolvendo a Espanha e as províncias Unidas dos Países Baixos, Filipe II, rei da Espanha e de Portugal pela União das coroas Ibéricas (1580-1640) travava lutas comerciais com os batavos desde a segunda metade do século XVI, sobretudo com os mercadores neerlandeses que haviam estabelecido um amplo comércio de mercadorias com Portugal antes mesmo da união das duas coroas;

[...] Os navios neerlandeses, traziam para os portos portugueses não só mercadorias do norte da Europa – trigo, madeira, metais e manufaturas diversas – como produtos da sua própria indústria, sobretudo peixe, manteiga e queijo; de torna-viagem carregavam o sal grosso de Setúbal, vinhos, especiarias e drogas do Oriente e da África, açúcar e madeiras do Brasil (HOLANDA, 1981. p. 235)”

A Espanha embargou, a partir de 1594, o comércio em portos de Portugal, posteriormente cedendo aos mercadores sob muitos protestos. Após a Trégua dos Doze Anos<sup>8</sup>, reiniciam-se as querelas entre os países. Os comerciantes batavos estavam interessados no abastecimento do açúcar, e aconselharam a invasão do Brasil, ocorrido primeiramente na Bahia em 1624, firmando-se em 1630 em Pernambuco com o projeto da WIC<sup>9</sup>, criada em 1621 e concedido monopólio pelos Estados Gerais por 24 anos.

No entanto, essa presença dos neerlandeses em território potiguar pouco é explorada, inseridos em um processo amplo de guerras, como a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648) pela sua independência, bem como a Guerra dos Trinta Anos, os

---

<sup>4</sup> Refere-se, principalmente, ao antigo povo germânico que habitava a localidade onde hoje se conhece por Países Baixos, utilizaremos para falar dos neerlandeses.

<sup>5</sup> Projeto do bispo Dom Sebastião Leme (1882-1942), segundo cardeal da América Latina, cujo intuito de “recristianizar o Brasil” ganhou força a partir de sua Carta Pastoral, em 1916.

<sup>6</sup> Através de sua obra *Os holandeses no Rio Grande do Norte* (1937), a Igreja articula o processo de beatificação e canonização dos mártires de Cunhaú e Uruaçu.

<sup>7</sup> O monsenhor Assis Pereira publicou em 1999 a obra *Protomártires do Brasil: Cunhaú e Uruaçu - RN*.

<sup>8</sup> Trégua de paz (1609-1621) entre a WIC e a Espanha dentro da Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648).

<sup>9</sup> West-Indische-Compagnie (Companhia Holandesa das Índias Ocidentais).

esforços em entender essa presença em solo potiguar parte mais de uma visão caricatural, por assim dizer; de meros inimigos da colonização portuguesa, vista por alguns historiadores norte-rio-grandenses como avanço civilizacional. Destarte, se faz pertinente concatenar a histórica atuação da W.I.C em solo mundial, regional e local para destrincharmos as problemáticas que se construíram acerca dos eventos ocorridos na então Capitania do Rio Grande e o processo de construção da identidade católica potiguar.

A partir dessas conjunturas apresentadas, este estudo denota, como objetivo principal, analisar os moldes pelos quais a historiografia tradicional do Rio Grande do Norte e a Igreja Católica construíram a identidade católica potiguar, como se utilizaram do espaço de Uruaçu como objeto de sacralização. Além disso, trata da presença neerlandesa na capitania, especificamente, busca: examinar a narrativa do "invasor neerlandês sanguinário" defendidas desde o século XIX, contextualizar a atuação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC) no Nordeste brasileiro e no território potiguar, e revelar as problemáticas ideológicas que moldaram essa memória coletiva, contrapondo visões caricaturais à complexidade das guerras, tanto europeias como a do açúcar.

Em última análise, busca examinar como se constituíram – em torno do culto aos mártires – as narrativas empregadas pelos setores intelectuais, políticos e religiosos do Rio Grande do Norte para caricaturizar os neerlandeses como meros antagonistas do “processo civilizador”. Para tal, adotamos uma abordagem historiográfica crítica, combinando análise documental com exame de narrativas secundárias, historicidade do período, desconstrução ideológica das representações tradicionais e estudo do espaço sacralizado.

## 2. O LONGO SECULO XVII

*O tempo não falha e não dá voltas inúteis pelos nossos sentidos: opera feitos admiráveis na alma* – Santo Agostinho. **Confissões**, livro IV.

“Foi o fim, não só da guerra, mas também das guerras de religião”, avalia o historiador britânico Gerald R. Cragg (1906-1976), em sua obra denominada *A Igreja e a Idade da Razão*, em que analisa o cenário das religiões cristãs na Europa e o seu declínio com a consumação do congresso que estabeleceu a Paz de Vestfália (1643-1648)<sup>10</sup>, onde se pôs um fim a trinta anos de guerra e mais de um século de contendas envolvendo a Espanha dos Habsburgos e a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos. As querelas do século XVII configuram-se como um longo processo de disputa em torno dos territórios do Sacro Império Romano Germânico e do Mar Báltico;

Nessas Revoltas e eventos bélicos, o ramo austríaco da casa de Habsburgo e seus aliados se confrontaram com forças que, por diferentes razões, rivalizaram o esforço da Corte de Viena em expandir

---

<sup>10</sup> Ver o artigo *O Congresso da Paz de Vestfália (1643-1648): convocação, negociações, resultados*. In: MAINKA, Peter Johann. **O Congresso da Paz de Vestfália (1643-1648): convocação, negociações, resultados**. História Unisinos, v. 25, n. 3 set./dez. 2021. DOI <https://doi.org/10.4013/hist.2021.253.06>. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/efleck,+ART06+MAINKA+\[AL\].pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/efleck,+ART06+MAINKA+[AL].pdf). Acesso em: 19 nov. 2025.

e consolidar o seu domínio sobre determinados territórios da Europa Central (DAVID; CARVALHO, 2024. p 525).<sup>11</sup>

As revoltas envolviam, como supracitadas, predominantemente questões territoriais, havendo aqui e ali sedições de caráter religioso, como o caso da Defenestração de Praga<sup>12</sup>, situações identificadas em volta de conflitos mais amplos de reformas religiosas que ocorriam desde o século XV, tendo como ponto alto as doutrinas de Jan Hus até a consumação do Cisma do Ocidente. Neste quadro, os países baixos, em 1579, na conhecida União de Utrecht – em que as sete províncias de Orange, localizadas nos Países Baixos do Norte (calvinista e republicana) – reivindicavam sua independência. O período era de unificação da Monarquia Hispânica, que foi intensificada por Filipe II, cujo intuito era reaver os domínios das Províncias Unidas que pertenciam à casa dos Habsburgos um século antes. Contrariando a visão de Cragg (1906-1976), a guerra se revelava ocorrer menos pela questão religiosa do que pelas contendas de caráter econômico e territorial, conforme teoriza o historiador Jonathan Israel, em razão da Guerra dos Trinta Anos;

[..] os ministros de Filipe pretendiam enfraquecer as Províncias Unidas o suficiente para obter um *buen concierto*, um acordo que resolvesse as várias questões nas relações entre a Espanha e a Holanda, principalmente relacionadas com assuntos comerciais e coloniais [...] O principal meio proposto para alcançar esse objetivo, e o que foi usado principalmente, foi a aplicação de pressão econômica [...] (ISRAEL, 1977. p. 34)<sup>13</sup>.

O mais próximo que ocorreu de uma ação religiosa se deu a partir da utilização de mecanismos acionados via Concílio de Trento, por Filipe II (1545-1563) para qualificar como heresia possessões revoltosas de protestantes e judeus, e assim, acionar a “inquisição trazendo para o horizonte a possibilidade do confisco de bens por heresia (David; Carvalho 2025. p. 533)”.

A região dos Flandres, desde a Idade Média, participava ativamente do comércio no Índico sendo um dos principais centros comerciais da Europa onde, *grosso modo*, suas províncias tinham largas autonomias, e as empresas operam nas zonas de influências do Oriente livremente<sup>14</sup>, sobretudo pelas forças basilares que estavam em curso na *forma* de cultura capitalista que o calvinismo puro assume nos

---

<sup>11</sup> DAVID, Antônio; CARVALHO, Daniel Pimenta Oliveira de. Guerra dos trinta anos e revoltas nos domínios Habsburgos. In: ARAÚJO, André de Melo *et al* (org.). **A época moderna**. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2024. p. 525-533.

<sup>12</sup> Sedição ocorrida em 1618 após o recém nomeado rei da Boêmia, o arquiduque da Estíria Fernando de Habsburgo, retirar a liberdade religiosa que lhes havia sido concedida pelo imperador Rodolfo II em 1609, de forma a requerer a imposição do catolicismo como autoridade religiosa à população que havia aderido ao protestantismo.

<sup>13</sup> Philip's ministers wanted to weaken the United Provinces enough to get a *buen concierto*, an agreement that would resolve the various issues in relations between Spain and the Netherlands, mainly related to trade and colonial matters [...] The main means proposed to achieve this goal, and the one that was mainly used, was the application of economic pressure.

<sup>14</sup> No século XVI, a Antuérpia, Genebra e Amsterdã compreendem uma porção importante de comércios e indústrias, conforme aponta (TAWNEY, R.H. **Crises and the rise of capitalism**. p. 119).

séculos XVI e XVII<sup>15</sup>. A partir de então, os países baixos setentrionais ascenderam economicamente, superando seus inimigos hanseáticos já no século XVI, conforme afirma Luciani (2007), chegando a superar todas as cidades europeias “como central naval, como mercado de produtos e como mercado de capitais (Barbour 1963, p.18 apud Luciani, 2007. p. 123)”. Como era de se esperar de uma religião que operou mais em zonas urbanas e de grandes centros comerciais como Antuérpia e Amsterdam, a tônica econômica seria aspecto importante. Nesse sentido, as classes de comerciantes e industriais se apresentam como objetos principais dos ensinamentos calvinistas. Apesar de tentar moralizar a condição do sistema econômico, o calvinismo assume que o capitalismo não é estranho à vida do cristão. “Talvez seja o primeiro corpo sistemático de ensinamentos religiosos que se pode dizer que reconhece e aplaude as virtudes econômicas (Tawney, 2015. p.121)”<sup>16</sup>.

### 3. NEERLANDESES NAS CAPITANIAS DO NORTE: O CASO DO RIO GRANDE

O comércio autônomo e livre no Índico formou, em 1602, cerca de uma dezena de empresas que, entretanto, mostrou-se desastrosa no comércio em longa distância no Oriente, assim a Companhia de Amsterdam que “conseguiu manter-se em boas condições, solicitou aos Estados Gerais que se lhe concedesse monopólio (Novais, 2018. p. 47). Essa conjuntura monopolista ganha forma apesar dos embates, tendo em vista que o mercantilismo europeu carecia do mercado externo:

[...] o comércio livre ultramarino revela-se ineficaz para as necessidades do capitalismo mercantil europeu carente de estímulos externos; o fracasso da tentativa leva, na prática, à adoção do esquema monopolista [...] nesse contexto de exploração ultramarina monopolista que se iniciou a produção colonial, e a comercialização dos produtos gerados nas economias montadas no Novo Mundo (NOVAIS, 2018. p. 47-48)”.

Na então América Portuguesa à Madrid, desde 1580, com a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, não foi diferente: logo após à Trégua dos Doze Anos, ganhou o monopólio por 24 anos concedido pelos Estados Gerais, assim a WIC poderia comercializar, navegar e conquistar as terras das Américas e parte das da África. “Para a Companhia nada seria mais proveitoso do que a conquista do Reino do Brasil”, eram as sugestões dos comerciantes de Amsterdã<sup>17</sup>. Além disso, a América Portuguesa se mostrava ser o elo mais instável do potentado espanhol, justamente por haver influência lusitana. Arelado ao conjunto, as questões envolvendo o açúcar e pau-brasil eram atrativas, bem como estratégias de controle marítimo em posições específicas, assim avalia Evaldo Cabral de Mello acerca da escolha dos neerlandeses pelo Nordeste do Brasil “[...] o Brasil poderia proporcionar excelente base de operação contra a navegação espanhola no Caribe, contra a navegação holandesa com o

<sup>15</sup> WEBER, Marx. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 204.

<sup>16</sup> “It is perhaps the first systematic body of religious teaching which can be said to recognize and applaud the economic virtues”.

<sup>17</sup> HOLANDA (Sérgio Buarque de) (Sob a direção). — *História Geral da Civilização Brasileira*. I. — A época colonial. — Do Descobrimento à expansão territorial. — Administração, Economia, Sociedade. São Paulo, 1960. Difusão Européia do Livro. p. 236-237.

Oriente, sem falar na proximidade com as minas de prata do Peru” (Mello, 2010. p. 30-31).

Por consequência dessas conjunturas, em 1624, os batavos invadem primeiramente à Bahia, sendo expulsos um ano depois, no entanto fazem novas incursões em 1627<sup>18</sup>, mas é em Pernambuco que se firmam em 1630, a fim de aproveitar a produção e o comércio do açúcar. Os neerlandeses tinham informações sobre como se encontrava a capitania de Pernambuco, o que facilitou o processo de tomada, “Pelas cartas do governador, Matias de Albuquerque, interceptadas durante a campanha da Bahia, ficaram eles conhecedores de que as fortificações de Olinda e Recife estavam ‘desaparelhadas’ (Boxer, 1961, p. 37)”. Ao se estabelecerem na capitania, sobretudo em Olinda, os neerlandeses buscavam uma aliança benéfica com os moradores locais.

[...] estabelecidos na península do Recife, os Holandeses, em obediência às recomendações da Direção da Companhia, procuraram tratar amigavelmente aos habitantes do território subjugado, especialmente ao clero, e evitar tudo que porventura pudesse ser interpretado como intolerância religiosa (WATJEN, 1938. p. 94).

Essa política se estendeu à Paraíba, no decreto de anistia de 1634<sup>19</sup>, garantindo solenemente o livre exercício da religião e igualdade de tratamento em relação aos protestantes<sup>20</sup>, se estendendo a Pernambuco, Itamaracá e Rio Grande. *Grosso modo*, percebe-se a liberdade religiosa defendida pelos neerlandeses, inclusive no Rio Grande, confrontando a visão que se tem, por exemplo, da presença dos pastores como inimigos hostis à Igreja, e que, a partir dessa premissa, findou-se em uma “perseguição religiosa”<sup>21</sup>. Ora, os neerlandeses fundearam os seus navios mais de um século depois da presença portuguesa, ou seja, como se é sabido, os portugueses perseguiram e massacraram os indígenas por mais de um século de colonização, por diversas frentes: desde doenças até o jugo processo da escravidão, em última análise, o sentido dessa colonização se mostrou ser, para usar uma expressão do Ribeiro (1995), *um moinho de gastar gente*.

Os neerlandeses, por outro lado, desde o início da ocupação viam os indígenas como aliados na conquista – obviamente mirando sua parte da fatia na questão açúcar – além de lhes conferir muita *liberdade*, com efeito, os neerlandeses supunham ser necessário a libertação dos indígenas, considerando que eles próprios, pela

---

<sup>18</sup> Para um melhor aprofundamento na invasão à Bahia, sugerimos a leitura da obra *História da Bahia*, do historiador Luís Henrique Dias Tavares. TAVARES, Luís Henrique. **História da Bahia**. São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: Ed. EDUFBA, 2008. p. 133-136.

<sup>19</sup> Por ocasião da conquista da Paraíba pelos neerlandeses.

<sup>20</sup> WATJEN, Hermann. **O domínio colonial Holandês no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. p. 94.

<sup>21</sup> PEREIRA, Francisco de Assis. **Protomártires do Brasil**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1999. p. 5.

experiência às opressões espanholas<sup>22</sup>, se viam presos em contendias, foi com esse direito de liberdade que os neerlandeses mais acenaram aos brasileiros<sup>23</sup> e tapuias<sup>24</sup>.

Os contatos entre indígenas e neerlandeses eram selados por presentes entre ambas as partes, o teólogo e historiador Barléu (2016) demonstra esses contatos, por exemplo, com os Tarairiús – conhecidos pelo ódio aos portugueses – em que estes recebiam com presentes os emissários, distribuindo arcos flechas e penas de ema. Os embaixadores prontamente retribuíram essa troca com vestimentas de linho, camisas de mulher, facas, chocalhos, etc<sup>25</sup>. A aliança entre batavos e indígenas possibilitaram a criação de uma série de mapas, crônicas, relatórios, primeiramente no litoral, logrando êxito também no interior posteriormente. Uma das mais conhecidas é a do Roulox Baro denominada *Relação da Viagem ao País dos Tapuias*, editada primeiramente em Paris no ano de 1651, em que o cronista narra a relação com o chefe Janduí. Nessas crônicas escritas em diário, Baro relata vários hábitos; a alimentação, ritos funerários, o uso da mandioca, práticas xamânicas etc. Outro exemplo, é o diário do Dinamarquês a serviço da WIC.

#### 4. O RIO GRANDE: NEERLANDESES, PORTUGUESES E INDÍGENAS

Com o fim da União Ibérica em 1640 e a ascensão dos Bragança ao trono português, a expulsão dos neerlandeses era iminente, apesar do Tratado firmado em Haia<sup>26</sup> (1641). Como se sabe, após a saída de Maurício de Nassau da administração dos Países Baixos, a principal medida da Companhia foi a cobrança de dívidas, o que consequentemente recaiu diretamente aos senhores de engenho, que tiveram seus bens confiscados. Evaldo Cabral de Mello avalia que a Insurreição Pernambucana – marca do declínio da presença batava no nordeste – ocorreu mais por parte dos herdeiros que emigraram à Lisboa e voltaram como membros do exército restaurador e donos de engenhos, tendo em vista que estes reclamavam suas propriedades confiscadas e, por consequência, livrar-se-iam das dívidas, destarte, conclui Evaldo Cabral, “a insurreição restauradora teria sido não só uma revolta de devedores como também de colaboracionistas [...]” (Mello, 2007, p. 342”).

##### 4.1 Neerlandeses no Rio Grande

Os neerlandeses tomam o Rio Grande em 1633, como é de senso comum entre cronistas e historiadores, a tomada do Forte dos Três Reis Magos pela expedição

---

<sup>22</sup> Essa visão foi defendida pelo professor Schalkwijk salientando o termo “Infracolonização” para destacar a presença neerlandesa no Brasil como um processo de maior aprofundamento nos contatos com os nativos, bem como na evangelização. SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês (1630 a 1654)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 207-208.

<sup>23</sup> Maneira pela qual os neerlandeses denominavam os índios de língua tupi de diversas nações, como tabajaras, potiguaras etc.

<sup>24</sup> MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Tempo dos flamengos: Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks. 2001. p. 209.

<sup>25</sup> BARLÉU, Gaspar; BRANDÃO, Cláudio. O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau: história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias Unidas sob o Príncipe de Orange. **Senado Federal**, Conselho editorial, 2016, p. 96.

<sup>26</sup> Trégua de dez anos entre Portugal e os Países Baixos.

capitaneada pelo diretor-geral Matis Van Ceulen, marca o princípio da permanência batava em solo potiguar por 21 anos. Com o assalto ao Rio Grande, a fortificação passa a se denominar Castelo Ceulen, em homenagem ao seu diretor-delegado, e a cidade de Natal, Nova Amsterdam. Naquela altura a Capitania do Rio Grande se dividia em quatro freguesias: Cunhaú, Boiana, Potigi e Mompabu, tendo apenas dois engenhos em funcionamento<sup>27</sup>

Figura 1 – Rio Grande (do Norte). Frans Post, gravura em cobre do *Rerum per Octennium in Brasilia*, de Gaspar Barléu, 1647



Fonte: Acervo do Instituto Brennand, 2025

[Descrição da imagem] Gravura histórica colorida de uma paisagem colonial costeira. No canto superior esquerdo, brasão ornamental com ramagens e asas verdes, contendo a silhueta de uma ave de pernas longas em seu interior, acompanhado por uma faixa flutuante com a inscrição em latim “FLUVIUS GRAND...”.

Ao centro, em segundo plano, fortificação de formato poligonal na cor vermelho-tijolo, situada sobre uma elevação de terreno esverdeado. No canto inferior direito, em primeiro plano, grupo de figuras humanas caminhando em fila sobre uma praia de areia clara em direção a uma pequena embarcação de madeira na água, onde se encontra um remador.

Ao fundo, linha do horizonte baixa com vegetação rasteira e um corpo d'água à direita. Céu amplo ocupando a metade superior da composição, em tons de bege e amarelo suave, com formação de nuvens brancas e acinzentadas na parte central. Uma linha vertical sutil divide a imagem ao meio. [Fim da descrição]

A capitania estava quase inabitada, mas serviria aos interesses econômicos da Companhia. De Cunhaú e Natal foi extraído para Pernambuco, sobretudo gado, mas também farinha, pescado e alguns produtos das salinas.

No Rio Grande nunca houve cidade ou aglomeração de habitantes que morassem juntos. Apenas começaram, há poucos anos, a construir casebres a quatro léguas de distância do castelo Ceulen, perto de certa igreja, lugar que nós chamamos de Nova Amsterdam, para a qual os

<sup>27</sup> MELLO, ref. 23, p. 211).

portugueses vinham do interior para a missa, mas que ainda não tem adiantamento” (GONSALVES DE MELO, 1646, p. 211 apud MEDEIROS FILHO, 1998, p. 77).

Logo após a conquista da Capitania, segundo Medeiros Filho (1998), os neerlandeses buscaram obter informações sobre a geografia, nesse sentido, em 1634 buscam contatos com indígenas, sobretudo os chamados tapuias, da etnia dos Tarairiús<sup>28</sup>, com o desejo de explorar ao máximo as riquezas existentes, além de buscar alianças com os indígenas locais, assim descrevem os aldeamentos indígenas presentes por várias freguesias do Rio Grande, bem como elementos de trabalhos cartográficos realizados pelo naturalista alemão Georg Marcgraf, o que possibilitou diversos projetos de engenharia por parte dos neerlandeses.

A Igreja reformada foi transplantada para o Rio Grande, onde foi celebrado um culto por ocasião da conquista, no dia 12 de dezembro de 1633, no Forte Reis Magos, se estendendo também à pequena cidade de Natal, que se chamaria Nova Amsterdam sob o domínio neerlandês.

## 5. OS MORTICÍNIOS DE CUNHAÚ E URUAÇU: PROBLEMAS HISTÓRICOS

O engenho de Cunhaú foi construído 1604, na sesmaria dada por Jerônimo de Albuquerque aos seus filhos Antônio e Matias<sup>29</sup>. Em 1637, no período Neerlandês, o engenho foi comprado por Joris Gartsman, comandante do castelo de Keulen, tendo como sócio Baltazar Wyntgens. Segundo Câmara Cascudo, os negócios em Cunhaú eram prósperos e a compra do engenho girou em torno de 60.000 florins pagos em seis prestações<sup>30</sup>. Em 1645 ocorreram diversas mortes por parte dos indígenas aliados aos neerlandeses na figura de Jacob Rabbi, ocorridos precisamente no dia 16 de julho em Cunhaú e três meses depois em Uruaçu<sup>31</sup>, entre os mortos identificou-se religiosos e leigos.

Os principais relatos resgatados sobre o morticínio ocorrido em Cunhaú e Uruaçu, foram dos três principais cronistas portugueses da época<sup>32</sup>, dentre eles, gostaria de destacar o frei Manuel Calado, responsável pela crônica *O valoroso Lucideno*, obra importante para o processo que culminou na canonização dos mártires, fornece uma narrativa repleta de sacralidade face aos *pérfidos* neerlandeses e *bárbaros* indígenas acerca das mortes que ocorreram em Cunhaú e no então arraial de Uruaçu:

Diversos martírios deram neste dia aos corpos dos mártires, e houve nele muitos milagres patentes, e vistos, que quis Deus mostrar, que os tais iam a gozar da bem-aventurança. Sucedeu pois que aquela noite que padeceram se ouviu uma música no Céu sobre a fortaleza

<sup>28</sup> Conhecido nas crônicas como Janduí ou tapuias, populações indígenas que habitavam o sertão do Rio Grande.

<sup>29</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955, p. 81.

<sup>30</sup> Id., 2023, p. 39.

<sup>31</sup> Antigo engenho Potengi, posteriormente chamado Ferreiro Torto, pertenceu a Francisco Coelho, por ocasião das concessões de sesmarias dada ao mesmo entre 1602 e 1611.

<sup>32</sup> JESUS, Frei Raphael de. Castrioto Lusitano; LOPES SANTIAGO, Diogo. História da Guerra de Pernambuco; CALADO, Frei Manoel. O Valeroso Lucideno.

do Rio Grande [...] ouvindo-se algumas mulheres a música, o qual testificou certo presságio que foram os Anjos que acompanharam as almas destes mártires para o Céu [grifo meu] (CALADO, 1987, p. 129)<sup>33</sup>.

A percepção do sagrado na crônica assume o caráter religioso através do seu narrador, nesse sentido o sagrado se manifesta se contrapondo ao profano, ou seja, ao mundo “natural”<sup>34</sup>, estabelecendo uma ruptura entre os mártires sacralizados e os seus algozes.

A crônica serviu de base para a obra de monsenhor Assis Pereira, assim como Santiago (1984) para denunciar as ações de Jacob Rabbi<sup>35</sup> junto aos *Tarairiús* e as suas relações, sobre Rabbi menciona-se: “[...] quase bárbaro como estes indômitos e cruéis gentios, que com eles havia muito tempo morado no sertão e exercitado seus brutos e depravados costumes (Santiago, 1984, p. 236 apud Pereira, 1999, p. 59)”.

O conjunto de crônicas embasam a retórica de alteridade através da inversão em relação ao outro, nesse caso, para justificar a ritualização face à barbárie cometida pelo inimigo<sup>36</sup>. Nesse sentido, a narrativa busca reproduzir a alteridade com o intuito de embasar o discurso em contraponto à atuação dos *selvagens*. De outro modo, se faz pertinente salientar que é impossível descrever uma totalidade, sempre há escolhas a serem feitas, e os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, assim Paul Veyne (2008) concebe a noção de trama na história, nessa linha podemos dizer que a trama em relação a atuação dos neerlandeses foi objeto de escolhas que sublimaram uma narrativa única, defronte da situação, cabe destacar o papel da natureza lacunar mal preenchida, sobretudo no que diz respeito à historicidade do período.

Naquela altura dos acontecimentos, a Insurreição Pernambucana (1645-1654) havia estourado em Pernambuco, e com ela, ocorreram uma série de matanças em prol da expulsão dos neerlandeses, inúmeras populações indígenas aliadas aos batavos foram perseguidas e mortas, essa situação impulsiona o desafeto entre portugueses e indígenas, sobretudo os *Tarairiús* e potiguaras aliados de Rabbi. A motivação de vingança por parte dos indígenas em Cunhaú sob às ordens de seu diretor aparece na obra de Schalkwijk: “os portugueses enforcaram os índios na capitulação de Sirinhaém, e os indígenas massacraram os portugueses em Cunhaú. Os *tapuias* ficaram irritados com seus aliados, porque estes protegiam os portugueses (Schalkwijk, 2004, p. 86). Desse modo, o ódio à fé não parece ter materialidade concreta, sobretudo pelo fato de os portugueses e neerlandeses estarem em constantes conflitos por ocasião da Guerra da Restauração.

---

<sup>33</sup> “*Relação das últimas tiranias, e crueldades, que os pérfidos Holandeses usaram com os moradores do Rio Grande, escrita pelo Capitão Lopo Curado aos dois mestres de Campo, e Governadores da liberdade de Pernambuco, João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros*”.

<sup>34</sup> ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p. 17-20.

<sup>35</sup> Alemão do condado Waldeck, funcionário Companhia das Índias Ocidentais, acompanhou o conde Maurício de Nassau, desembarcando em Recife no ano de 1937. A WIC confiou-lhe a missão de intérprete junto aos *tarairiús*.

<sup>36</sup> Conceito de alteridade de Hartog. In: HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Minas Gerais: Editora UFMG, 1999, p. 229-231.

Dois problemas históricos se acentuam na obra de Pereira (1999), um quando se descreve a atuação de intolerância religiosa pela Igreja Reformada<sup>37</sup> em relação aos portugueses, menciona-se o caráter intolerante por parte de membros da Igreja por ocasião da ocupação, no entanto, após o morticínio do Rio Grande a relação entre a Igreja Reformada e os *tapuias* travam, sobretudo quando o pastor Stetten age – acompanhado de soldados – e refreia a atuação dos *tapuias* para não acabar com os portugueses<sup>38</sup>, com isso se desdobra o segundo problema, que diz respeito à materialidade da ação que qualifica o morticínio como ódio à fé (*in odium fidei*) – um dos principais elementos para comprovar a canonização conforme a instrução da Congregação para a Causa dos Santos – que no entanto, tal afirmação endossada pelas crônicas portuguesas não se sustentam quando confrontadas com a situação histórica supracitada entre indígenas, neerlandeses e portugueses na capitania.

Uma outra narrativa é pertinente destacar, no caso a do intelectual Câmara Cascudo, cujos escritos articulados em relação às mortes que ocorreram em Cunhaú e Uruaçu fornece respaldo ao processo levado a cabo pelo monsenhor Paulo Herôncio em 1937 na destreza do martírio. Sobre o ocorrido em Cunhaú e Uruaçu, Câmara Cascudo escreve em 1934: “caem como mártires”, mais adiante “são os mártires de Cunhaú”, por acaso da ação do alemão Jacob Rabbi aliado dos Janduís, cabe um problema histórico emblemático no pensamento cascudiano, trata-se de ligar Rabbi com o judaísmo seguindo a linha de Varnhagen (1871), Rocha Pombo (1905) e Alfredo de Carvalho (1909), anteriormente à obra de Varnhagen, não há menção que ligue Rabbi a uma origem judaica. Assim, em sua obra *Os Holandeses no Rio Grande do Norte* (1949), não deixa de mencionar a origem judia do alemão, atrelando a ele pecha de sanguinário, “essa torva figura sicário só ressuscita para evocar os crimes praticados com a naturalidade de uma profissão (Cascudo, 1949, p. 52)”. Essa postura diz respeito a atuação intelectual de Câmara Cascudo enquanto membro da AIB, ladeado de intelectuais da facção antissemita como Gustavo Barroso, essas atuações no Rio Grande do Norte foram exploradas por Peixoto (2025).

## 6. A AÇÃO CATÓLICA E A CONSTRUÇÃO DA CANONIZAÇÃO

No começo do século XX, com a laicização do Estado, a Igreja perdeu espaço em vários setores sociais e políticos, além disso a Igreja Romana vivia seus momentos de impulso do ultramontanismo desde à unificação italiana, em 1870. A Ação Católica no Brasil foi responsável pela formação intelectual de religiosos e leigos no Brasil, centrada na figura do cardeal dom Sebastião Leme, segundo cardeal da América Latina, substituindo o dom Joaquim Arcoverde. A sua Carta Pastoral de 1916, escrita por ocasião de sua posse na arquidiocese de Olinda, foi um documento importante para o período, ela denunciava a crise religiosa e moral da Primeira República, defendia a centralidade da fé católica na vida social e política, e enfatizava a importância da educação cristã como meio de regeneração da sociedade.

A partir da década de 30, a Ação Católica amplia seu núcleo de atuação com Liga Eleitoral Católica e o partido “integralista”, esses grupos “ampliaram sua escala de operação a nível nacional, mobilizando categorias sociais que os grupos dirigentes

---

<sup>37</sup> PEREIRA, ref. 20, p. 77.

<sup>38</sup> SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil holandês (1630 a 1654)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 263. Um outro texto que ajuda a desmistificar essa ideia de intolerância dos pastores reformados em relação aos portugueses se encontra no site da Universidade Mackenzie, denominado “As lágrimas de Cunhaú”. do professor Frans Leonard Schalkwijk.

do antigo regime haviam excluído [...] (Miceli, 1979, p. 17)". Esse período marca a atuação da restauração católica orquestrada pelas forças da santa sé desde a encíclica *Quanta Cura* (1864) em lutar contra as ideologias que iam de encontro aos dogmas da Igreja Militante. A Igreja se articulou em torno dos congressos eucarísticos, cujo primeiro grande congresso ocorreu em 1922 por ocasião do Centenário da Independência, foram mobilizados todos os bispos do Brasil, o primeiro cardinalato da América Latina, o dom Joaquim Arcoverde (1850-1930), juntamente com as autoridades dirigentes estabelecendo laços de sociabilidade e, conseqüentemente enfatizando seu poder simbólico<sup>39</sup>.

Os congressos eucarísticos foram os principais meios para propagar as ideias da Neocristandade católica à comunidade leiga no decorrer do século XX, através deles a Ação Católica atuou diligentemente, sobretudo na formação do imaginário católico, organizando dentro dos congressos, sessões de formações morais e sociais, além de reconhecer e endossar venerações hagiográficas em torno do santo patrono da localidade. Impulsionado pelos eclesiásticos locais, os consistórios são campos de articulações políticas sem a participação leiga a não ser como meros "representados", o campo político da crença age sobre essa perspectiva, como teoriza Bourdieu:

O campo (de produção) político é o lugar, na realidade inacessível aos leigos, em que se fabricam, na concorrência entre os profissionais nele envolvidos, formas de percepção e expressão politicamente atuantes e legítimas, oferecidas aos cidadãos comuns, reduzidos à condição de 'consumidores' (BOURDIEU, 2025, p. 129) .

Dessa forma, temos como "campo de produção" No Rio Grande do Norte o exemplo do Monsenhor Paulo Herôncio, sacerdote que organizou os principais congressos eucarísticos do Estado, cabe destacar o congresso eucarístico realizado em Canguaretama/RN, por ocasião do tricentenário das mortes ocorridas em Cunhaú e Uruaçu, no dia 30 de setembro de 1945 deu-se início o congresso, que foi noticiado em um dos principais jornais católicos do Brasil na década de 40, o jornal do Rio de Janeiro "A Cruz"<sup>40</sup>, no artigo veiculado em 4 de novembro de 1945, celebram-se as solenidades dos mártires, cuja ação se inseria na construção da identidade católica no Rio Grande do Norte, a sacralização do espaço sagrado fazia parte da difusão de santidade entre os fiéis, e servia como respaldo ao artigo 5, da *Sanctorum Mater*<sup>41</sup>.

O congresso contava com a participação de autoridades das classes dirigentes, intelectuais e religiosos, dentre eles pontua-se Luís da Câmara Cascudo, Dom Marcolino Dantas, bispo de Natal. O congresso contou com uma sessão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, na figura de orador da sessão, estava

---

<sup>39</sup> Expressão melhor explorada por Bourdieu no capítulo dedicado ao Campo Político. Ver mais: *A crença e a representação: o campo político* In BOURDIEU, Pierre. **Microcosmos**: teoria dos campos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2025, p. 161.

<sup>40</sup> Jornal de grande influência para o meio católico, cabe destacar a atuação de um padre potiguar em sua redação durante a década de 30, o padre J. Cabral, propulsor da Ação Católica no Brasil, influenciando a atuação do catolicismo no Rio Grande do Norte.

<sup>41</sup> Instrução para a realização dos inquéritos diocesanos ou das eparquias da causa dos Santos. "Fama autem sanctitatis in genere nihil aliud est, quam existimatio seu communis opinio de puritate et integritate vitae, et de virtutibus ... , necnon de miraculis eorum intercessione a Deo patrat; ita ut, concepta in uno vel pluribus locis erga eos (Servos Dei) devotione, a plerisque in suis necessitatibus invocentur" (Bento XIV, De Servorum Dei beatificatione et Beatorum canonizatione, L. II, cap. 39, n. 7).

presente Nestor dos Santos Lima que fez o discurso para todos os presentes. Antes de encerrar a solenidade, o artigo noticia que Monsenhor Paulo Heroncio discursou contra o comunismo. Um problema histórico que é um ponto importante a se pensar recai sobre a persistente difusão do discurso em que Rabbi aparece como um “judeu selvagem”<sup>42</sup>Essa problemática é difundida nos artigos de jornais em torno dos congressos eucarísticos, sobretudo pela ação de Paulo Herôncio que escreve “judeu, invasor e herege” para classificar Rabbi e os indígenas em consonância com as mortes ocorridas em 1645<sup>43</sup>. Herôncio estava empenhado na construção de um santuário em Uruaçu, assim ele fez essa proposição no Congresso Eucarístico de Mossoró, em 1946, bem como a beatificação dos mártires de Cunhaú e Uruaçu. A construção do espaço sagrado transmite o papel transcendente tendo em vista que o espaço representa um lugar dedicado ao culto, nesse sentido, o espaço sagrado simboliza o mundo celeste, um lugar santo por excelência, assim Eliade (2018, p. 56) define “[...] é graças ao templo que o mundo é *ressantificado* na sua totalidade, seja qual for o seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários”. Desse modo, Heroncio buscava transmitir um ideal sacro e difundi-lo de maneira concreta na sacralização do espaço.

Em 1994, com o objetivo de guiar a Igreja Católica na preparação para o Grande Jubileu do Ano 2000, o papa João Paulo II escreve a Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*. O documento tece reflexões sobre o mistério da Encarnação de Cristo, o centro da fé cristã, e a importância da contagem do tempo a partir desse evento, além disso, trata da importância dos mártires, especialmente ao contemplar a história da Igreja e a aproximação do Grande Jubileu mencionando o teólogo Tertuliano na frase emblemática “sangue de mártires, semente de cristãos”<sup>44</sup>. No documento, o papa atrela o sacrifício dos primeiros mártires ao desenvolvimento da Igreja nos primeiros séculos:

“Os acontecimentos históricos relacionados com a figura de Constantino Magno nunca teriam podido garantir um desenvolvimento da Igreja como o que se verificou no primeiro milênio, se não tivesse havido aquela sementeira de mártires e aquele patrimônio de santidade que caracterizaram as primeiras gerações cristãs (TERTIO MILLENNIO ADVENIENTE, 1994)”<sup>45</sup>.

A carta suscita sobre a necessidade de se atualizar o Martirologio no novo milênio porquanto a Igreja precisa germinar novas sementes assim atesta o documento “Tanto quanto seja possível, não se devem deixar perder na Igreja os seus

---

<sup>42</sup> **O CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CANGUARETAMA: comemorativo do tricentenário dos morticínios de Cunhaú e Uruassú.** Rio de Janeiro, 4 nov. 1945. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&Pesq=%22cunhau%22&id=3336707194483&pagfis=6734>. Acesso em: 7 dez. 2025.

<sup>43</sup> **ESPLENDORES DOS ALTARES PARA OS MÁRTIRES DA EUCARISTIA NO BRASIL.** Rio de Janeiro, 24 jul. 1955. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&Pesq=%22cunhau%22&id=3336707194483&pagfis=10088>. Acesso em: 7 dez. 2025.

<sup>44</sup> “Sanguis martyrum — semen christianorum”. Frase atribuída a Jeane Tertuliano (160-240), teólogo do segundo século da Era Cristã, viveu durante a perseguição do Império Romano aos cristãos.

<sup>45</sup> JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica «Tertio Millennio Adveniente»*. São Paulo: Paulinas, 1994.

testemunhos”<sup>46</sup>, essas ações manifestam o desejo da Igreja em restaurar seu caráter salvífico e, conseqüentemente expandir sua influência no mundo. Assim, a emergência de suscitar novos santos mártires pela Santa Sé coincide com o projeto levado a cabo pelas redes eclesiais do Brasil a nível nacional e local, sobretudo nas figuras de Paulo Herôncio e monsenhor Assis Pereira.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise histórica apresentada revela como a presença neerlandesa no Rio Grande do Norte, inserida no contexto das disputas mercantis da WIC e das guerras europeias ocorridas durante o século XVII, foi reinterpretada pela historiografia tradicional potiguar e por agentes religiosos ligados à Igreja Católica para forjar uma identidade regional marcadamente católica. Os morticínios de Cunhaú e Uruaçu, narrados como atos de fé heroica contra "invasores sanguinários" e indígenas "bárbaros" por cronistas como Manuel Calado e intelectuais como Luís da Câmara Cascudo, serviram de pivô para a sacralização do espaço local, transformando capelas e monumentos em loci de devoção anual. Essa construção narrativa, impulsionada por figuras como Monsenhor Paulo Herôncio e Francisco de Assis Pereira no século XX, e a difusão dos congressos eucarísticos como ponte entre os fiéis e à Igreja. Essa construção estava alinhada ao projeto de Neocristandade e à Ação Católica, contrapondo a suposta intolerância reformada à ortodoxia lusitana.

No entanto, as evidências apontam para motivações mais complexas – econômicas, territoriais e de alianças pragmáticas com *tapuias* aliados aos neerlandeses como na figura, por exemplo, de Jacob Rabbi –, desafiando a dicotomia sagrado/profano e revelando lacunas na trama histórica ocorridas nos fatídicos morticínios, marcado por conflitos e vinganças acentuada pela insurreição pernambucana. Essas inferências eclipsam o ódio religioso puro e revelam-se como uma alternativa além da narrativa oficial. Em última instância, o texto ilustra o uso do passado como instrumento de identidade: dos engenhos de Cunhaú aos festivais de outubro em Uruaçu, o Rio Grande do Norte consagra sua memória católica não como fato isolado, mas como resistência simbólica à alteridade holandesa e indígena, perpetuando uma unidade nacional que ecoa desde a ação da Neocristandade em torno de redes intelectuais católicas até os dias atuais identificado pelas festividades do dia 3 de outubro.

---

<sup>46</sup> Id., 1994.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, L. M. PERNAMBUCO, A COMPANHIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS E O ATLÂNTICO: A NAVEGAÇÃO HOLANDESA NO SÉCULO XVII. **NEARI EM REVISTA**, [S. l.], v. 5, n. 8, 2021. Disponível em:

<https://revistas.faculdadedamas.edu.br/index.php/neari/article/view/1766>. Acesso em: 24 nov. 2025.

ARAÚJO, A. M *et al* (org.). **A época Moderna**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2024.

BARLÉU, G; BRANDÃO, C. O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau: história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias Unidas sob o Príncipe de Orange. **Senado Federal**, Conselho editorial, 2016.

BOURDIEU, P. **Microcosmos**: teoria dos campos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2025.

BOXER, C. R. **Os holandeses no Brasil (1624-1654)**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1961

CALADO, Frei M. **O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade**, 2 vols. Recife, Cooperativa Editora de Cultura Intelectual de Pernambuco, 1942

CASCUDO, L. C. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955.

CASCUDO, L. C. **Os Holandeses no Rio Grande do Norte**. Mossoró: [s.n.], 1992. (coleção Mossoroense. série "c",v.792) 1992.

CASCUDO, L. C.. **A casa de Cunhaú**. Brasília: Senado Federal, 2023.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Minas Gerais: Editora UFMG, 1999.

HOLANDA, S.B (Direção). **História Geral da Civilização Brasileira**: A época colonial: Do Descobrimento à expansão territorial. — Administração, Economia, Sociedade. São Paulo, 1960. Difusão Européia do Livro. p. 236-237.

ISRAEL, J. I. **A conflict of empires**: Spain and the Netherlands (1618-1648) Londres: Oxford University, 1990. p. 34.

JESUS, Fr. R. **Castrioto Lusitano ou História da Guerra entre o Brasil e a Holanda**: durante os anos de 1624 a 1654. Paris. J.P. Aillaud, 1844.

- LUCIANI, F. T. **Munícipes e escabinos**: poder local e guerra da restauração no Brasil Holandês. 2007. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Cap. 3. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-152527/publico/FERNANDA\\_TRINDADE\\_LUCIANI.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-152527/publico/FERNANDA_TRINDADE_LUCIANI.pdf). Acesso em: 11 nov. 2025.
- MAINKA, P.J. O Congresso da Paz de Vestfália (1643-1648): convocação, negociações, resultados. **História Unisinos**, v. 25, n. 3 set./dez. 2021. DOI <https://doi.org/10.4013/hist.2021.253.06>. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/efleck,+ART06+MAINKA+\[AL\].pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/efleck,+ART06+MAINKA+[AL].pdf). Acesso em: 19 nov. 2025.
- MELLO, E. C. **Um imenso Portugal**: História e Historiografia. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- MELLO, E. C. **O Brasil holandês (1630-1654)**. São Paulo: Penguin Classics, 2010.
- MELLO, E. C.. **Olinda restaurada**: guerra e açúcar no nordeste. São Paulo: Ed. 34, 2007.
- MELO, P. H. **Os Holandeses no Rio Grande**. 1. ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937. 106 p.
- MELLO, J. A.G. **Tempo dos flamengos**: Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 4ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks. 2001.
- MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL, 1979.
- NOVAIS, F A. **Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo: Hucitec, 2018.
- PEIXOTO, R. A. **O sistema dos céus**: a colusão entre catolicismo, fascismo e marxismo no Rio Grande do Norte. Passo Fundo: Acervus, 2025.
- PEREIRA, F. A. **Protomártires do Brasil**: Cunhaú e Uruaçu – RN. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1999.
- RIBEIRO, D. **O povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SHALKWIJK, F. L. **Igreja e Estado no Brasil holandês (1630 a 1654)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- TAWNEY, R. H. **Crises and the rise of capitalism**. London: Verso Books, 2015.
- VARNHAGEN, F. A. **História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654**. Lisboa: Typographia de Castro Irmão, 1872. 420 p.

WATJEN, H. **O domínio colonial Holandês no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

#### DOCUMENTOS

BENTO XIV, **De Servorum Dei beatificatione et Beatorum canonizatione**, 1840. L. II, cap. 39, n. 7. Disponível em: [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_MoYPAAAAQAAJ](https://archive.org/details/bub_gb_MoYPAAAAQAAJ). Acesso em 7 dez. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica «Tertio Millennio Adveniente»**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SANCTORUM MATER: **INSTRUÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS DIOCESANOS OU DAS EPARQUIAS NAS CAUSAS DOS SANTOS**. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/csaints/documents/rc\\_con\\_csaints\\_doc\\_20070517\\_sanctorum-mater\\_po.html#\\_ftn12](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20070517_sanctorum-mater_po.html#_ftn12). Acesso em: 7 dez. 2025.

#### ARTIGOS DE JORNAIS

**ESPLENDORES DOS ALTARES PARA OS MÁRTIRES DA EUCARISTIA NO BRASIL**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1955. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&Pesq=%22cunhau%22&id=3336707194483&pagfis=10088>. Acesso em: 7 dez. 2025.

**IMPONENTÍSSIMAS CERIMONIAS DO CONGRESSO EUCARÍSTICO**. Rio de Janeiro, 1 out. 1922. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&Pesq=%22congresso%22&id=4868007675898&pagfis=593>. Acesso em: 7 dez. 2025.

**O CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CANGUARETAMA: comemorativo do tricentenário dos morticínios de Cunhaú e Uruassú**. Rio de Janeiro, 4 nov. 1945. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&Pesq=%22cunhau%22&id=3336707194483&pagfis=6734>. Acesso em: 7 dez. 2025.

Submetido em: 02/02/2026

Aceito em: 18/03/2026